

# Modelos críticos: Antonio Candido e Roberto Schwarz leem Oswald de Andrade

[ *Critical models: Antonio Candido and Roberto Schwarz read Oswald de Andrade* ]

**Bruna Della Torre<sup>1</sup>**

**RESUMO** · Este artigo visa discutir as interpretações da obra de Oswald de Andrade urdidas por Antonio Candido e Roberto Schwarz, tendo em vista as diferenças entre elas, bem como os contornos que cada um dos “modelos” de crítica literária assume ao debruçar-se sobre o mesmo autor. · **PALAVRAS-CHAVE** · Antonio Candido; Roberto Schwarz; Oswald de Andrade; teoria crítica. ·

**ABSTRACT** · This article aims to discuss the interpretations of the Oswald de Andrade’s work devised by Antonio Candido and Roberto Schwarz, considering the differences between them and the figurations that each of the “models” of literary criticism assume regarding the same author. · **KEYWORDS** · Antonio Candido; Roberto Schwarz; Oswald de Andrade; critical theory.

*Recebido em 15 de fevereiro de 2019*

*Aprovado em 31 de outubro de 2019*

TORRE, Bruna Della. Modelos críticos: Antonio Candido e Roberto Schwarz leem Oswald de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 74, p. 178-196, dez. 2019.



DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi74p178-196>

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

*Quem conta com a posteridade é como quem conta  
com a polícia.*  
(Oswald de Andrade, *Objeto e fim da presente obra*,  
1926).

Theodor W. Adorno (2009, p. 33) define o pensamento dialético como um “pensar em modelos”. A dialética negativa, nesse sentido, apresenta-se como um “*ensemble* de análises de modelos”. O modelo deve ser capaz de estabelecer relações sem erigi-las em sistema, debruçar-se sobre o que é específico sem diluí-lo num conceito genérico supraordenado. Trata-se de permitir que “a totalidade resplandeça em um traço parcial, escolhido ou encontrado, sem que a presença dessa totalidade tenha que ser afirmada” (ADORNO, 2003, p. 35). Partindo dessas reflexões, este artigo visa contrastar os modelos críticos de Antonio Candido e Roberto Schwarz construídos a partir da leitura que os autores fizeram de Oswald de Andrade. Modelos críticos esses que se transformam conforme variam os objetos sobre os quais se debruçam. Trata-se de demonstrar, em diálogo com parte da fortuna crítica desses autores, como os pressupostos teóricos e políticos de sua crítica literária apresentam certa dissonância nesse caso específico.

Ao escrever os textos “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’” e “Dialética da formação”, Schwarz (1987d; 2009) pautou, de certa forma, a recepção de Candido, alinhando-a a seu projeto crítico, próximo de Adorno. Uma parte da fortuna crítica de Candido segue a sugestão de Schwarz, incluindo aquele na tradição da teoria crítica (cf. ARANTES, 1995; COSTA, 2018). Outra parte inclui Candido e Schwarz num projeto mais amplo de “estudos culturais” (CEVASCO, 2003). Tanto em um como noutro caso, os autores são tratados em conjunto, o que torna as fissuras entre eles mais difíceis de perscrutar. Se é verdade, no entanto, que a crítica de Antonio Candido se aproxima da teoria crítica de Adorno em alguns momentos – e não cabe aqui contestar a leitura de Schwarz quanto a esse ponto –, em outros, ela se distancia, como é possível notar nos ensaios sobre Oswald de Andrade. Nesses momentos, Antonio Candido parece se aproximar mais uma vez da vertente do marxismo ocidental que passa por autores como Raymond Williams, tanto no âmbito da análise formal, quanto no âmbito dos pressupostos políticos, enquanto a análise

de Schwarz permanece alinhada com a teoria crítica de Adorno. O objetivo deste artigo consiste, portanto, em mostrar as fissuras e descontinuidades de dois modelos críticos normalmente lidos de maneira mais homogênea e ressaltar os ganhos e perdas analíticas de cada um deles.

Este artigo é a tentativa de elaborar uma questão que surgiu em minha dissertação de mestrado sobre Oswald de Andrade e que continuou de certa forma em minha pesquisa de doutorado sobre Theodor W. Adorno. Embora, como exposto acima, a fortuna crítica tenda a apresentar as críticas literárias de Candido e Schwarz como projetos consoantes, quando se trata da obra de Oswald de Andrade, elas são consideravelmente dissonantes. Ambos os autores atribuem à obra de Oswald de Andrade uma série de problemas de construção estética, mas seus caminhos de análise são diversos. Candido valoriza a experimentação formal de Oswald, mas vê neste a ausência de um projeto estético coeso e bem realizado. Schwarz, por sua vez, defende que a experimentação formal de vanguarda funciona como uma espécie de cobertura para um conteúdo político conservador. Ainda que ambos permaneçam no campo do marxismo, suas orientações teóricas divergem substancialmente nesse caso. Trata-se, portanto, de explorar, em diálogo com essa fortuna crítica, os pressupostos teóricos das análises de Candido e de Schwarz quando se debruçam sobre Oswald de Andrade.

## **A LEITURA DE CANDIDO**

Até hoje é difícil perscrutar qual foi a avaliação que Antonio Candido fez da obra de Oswald de Andrade. Além de inúmeras aparições esporádicas de Oswald na obra de Candido, os textos de maior destaque no que se refere à fortuna crítica do modernista são: “Estouro e libertação”, de 1945 (por sua vez, síntese de outros três textos, a saber, “Romance e expectativa”, “Antes de Marco Zero” e “Marco Zero”, publicados em 1943); “Oswald viajante” (1956); “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade” (1970); “Oswaldo, Oswald, Ôswald” (1982); “O diário de bordo” (1987) e “Os dois Oswalds” (1992). Esse conjunto de textos em torno do tema, produzido ao longo da vida de Candido, varia, assim como se transformou o crítico ao longo do tempo, mas mantém em linhas gerais o mesmo fio condutor que leva da vida à obra e da obra à vida. Também os ensaios “Literatura e cultura de 1900 a 1945” (1953-1955) e “A literatura na evolução de uma comunidade” (1954), de viés mais histórico-sociológico, compõem a fortuna crítica do modernista, e é deles que é possível extrair uma teoria mais ampla a respeito do modernismo de Oswald de Andrade.

Tendo em vista esse primeiro apanhado, este artigo comenta três aspectos presentes na avaliação de Candido sobre Oswald de Andrade: a correspondência entre vida e obra, na qual se assenta a avaliação crítica da produção narrativa de Oswald (especialmente em “Estouro e libertação” e na “Digressão...”); a contraposição a Mário de Andrade, derivada desse mesmo procedimento de pensar a produção estética em correspondência com a vida e presente em quase todos os textos supracitados; e uma leitura mais generalizante do modernismo como processo de modernização e alargamento da cultura presente nos ensaios mais panorâmicos sobre o desenvolvimento da literatura no Brasil no século XX.

## CORRESPONDÊNCIA ENTRE VIDA E OBRA

Ao invés das densas análises que encontramos, por exemplo, em “De cortiço a cortiço” e em “Dialética da malandragem”, cujo traço distintivo é a reversibilidade entre análise literária e análise social, os textos de Candido sobre Oswald mobilizam muito mais a experiência pessoal do que uma crítica de cunho imanente que está presente em outros textos, de modo que “a literatura oswaldiana se apresenta como a transfiguração do vivido [...] a antropofagia como palavra-chave que explica o homem e a obra” (CHALMERS, 1992, p. 220). Esses ensaios combinam de maneira muito específica a análise e o depoimento.

Vera Chalmers chama nossa atenção para o fato de que vários desses ensaios tratam das memórias do escritor, buscando estabelecer vínculos entre a obra e seu autor, textos esses que possuem também um forte traço biográfico do próprio Antonio Candido. Na “Digressão...”, por sua vez, Candido (2011) retoma a discussão a respeito dos romances de Oswald, tendo em vista o artigo “Estouro e libertação”, publicado pela *Folha da Manhã* em 1944.

Os romances em questão – escritos “fora da ordem” da publicação – são os seguintes: a *Trilogia do exílio* composta por *Os condenados* (1922), *A estrela de absinto* (1927) e *A escada vermelha* (1934); *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933); e *Marco Zero I A revolução melancólica* (1943) e *Chão* (1945). O fato de serem “fora de ordem” não constitui uma informação editorial ou mesmo biográfica, pois diz respeito ao argumento de Candido referente à convivência do escritor vanguardista e do escritor passadista/decadentista na mesma pessoa. Daí Antonio Candido insistir na convivência entre um bom e um mau escritor em Oswald de Andrade, que produziu ao mesmo tempo livros maiores e menores. Esses textos acompanham a produção narrativa do autor, salientando, de modo geral, a qualidade do par *Miramar/Serafim* e acusando os problemas de construção dos restantes. Esses problemas seriam advindos da dificuldade de Oswald de manter certa coerência e estabilidade na sua produção literária, ou seja, os romances do escritor vanguardista se alternam no tempo com os romances passadistas, piores, segundo Candido, do ponto de vista formal<sup>2</sup>.

Antonio Candido destaca dois traços que seriam característicos da personalidade do escritor: devoração e mobilidade, sendo que “devoração não é apenas um pressuposto simbólico da antropofagia, mas o seu modo pessoal de ser, a sua capacidade surpreendente de absorver o mundo, triturá-lo para recompô-lo” (CANDIDO, 2011, p. 51). Essa reunião sucederia na “utilização desmesurada de tudo” e num “certo anarquismo”. Por isso, o recurso ao choque, o rompimento com o realismo, o inconformismo e o trânsito entre a poesia e a prosa seriam os pontos altos de sua obra. Na avaliação de Candido (2011, p. 54),

---

2 Se o Candido do período da escrita de “Estouro e libertação” era um autor inclinado a favorecer obras literárias de cunho mais social, por assim dizer (cf. RAMASSOTE, 2011; ERRÁZURIZ, 2018), no caso específico da obra de Oswald de Andrade, ele tende a favorecer as obras mais experimentais como o par *Serafim/Miramar*.

Oswald produzia coisa boa nos escritos de redação contínua e descontínua. Prefiro estes, que representam a sua contribuição mais original sob o ponto de vista da estrutura e do estilo, concentrando a maior soma das suas capacidades de expressão. Aí se enquadram os poemas *Memórias sentimentais de João Miramar*, o *Serafim Ponte Grande*, muitas notas, artigos, polêmicas que andam dispersos...

A simultaneidade da realização de obras bem e obras malsucedidas seria equivalente a essa oscilação própria da personalidade de Oswald: “de um homem assim”, diz Candido (2011, p. 50), “pode-se dizer que a existência é tão importante quanto a obra”, e alguém poderia acrescentar, forçando um pouco o argumento, que uma espelha a outra. Nesse ponto, ganha proeminência um argumento que tende a salientar a homologia entre a personalidade, a posição social e obra literária, tendo como fundamento central de sua orientação crítica uma certa sociologia (cf. RAMASSOTE, 2011).

“Digressão...”, que foi escrito em 1970 – posteriormente à retomada de Oswald de Andrade pelo tropicalismo na década de 1960 – para compor o livro *Vários escritos*, insere-se no contexto pós-golpe de 1964, passando um pouco ao largo das questões que seriam, alguns anos à frente, centrais nas análises de Roberto Schwarz<sup>3</sup>. No ensaio, Candido conta um pouco a história da recepção carente de *Marco zero* e de sua decepção com o romance. Candido tenta retratar-se diante do equívoco de juventude por ter esperado que Oswald de Andrade escrevesse algo que o colocasse definitivamente como um dos grandes da nossa literatura, como se, reforça Candido, ele já não houvesse feito o suficiente com o par *Serafim/Miramar*, com a antropofagia, com a poesia etc. Mas sempre reiterando que “a palavra estava dita” (CANDIDO, 2011, p. 38) com o par supracitado. O tão prometido *Marco zero* permanece avaliado como uma obra menor, na qual se sobressai a matéria – a descrição/julgamento da sociedade paulista – ao invés da maneira.

As qualidades de sua obra residiriam, ao contrário, na fusão da experimentação estética com o humor, no seu “sarcasmo-poesia”, bem como se destacava na sua personalidade o vanguardista *blagueur*, capaz de protagonizar as maiores polêmicas do modernismo (cf. ANDRADE, 1992), injetando vida no movimento. O riso aparece, então, como elemento libertador aliado ao anticonvencionalismo do poeta. Esse “anarquismo”, contudo, seria também a razão dos seus problemas, da instabilidade de seu projeto em relação ao de Mário<sup>4</sup>.

---

3 Com exceção de um ponto: nesse ensaio, Antonio Candido reconsidera a avaliação de *Serafim Ponte Grande* – corrigindo a proposição de que *Serafim* seria um fragmento de livro em “Estouro e libertação” – à luz dos estudos de Haroldo de Campos sobre Oswald. Daí Candido ressaltar que o último teria lhe chamado a atenção para a caracterização de Oswald como um grande agressor do princípio de unidade de composição do texto.

4 Candido enxerga em Mário de Andrade maior consistência no âmbito da concepção e realização de um projeto estético definido. A questão da “formação” guiaria Mário de Andrade na poesia, no romance, na crítica literária e em todo seu projeto cultural (cf. CANDIDO, 2011).

## OS DOIS ANDRADES

A figura de Mário corresponde, na obra de Antonio Candido, a uma espécie de contraponto a Oswald de Andrade. Os ensaios sobre Oswald são marcados sobretudo por uma espécie de insatisfação com a “falta de sustentar projeto”, que o diferencia de Mário de Andrade e é explicado por meio de sua personalidade, o que aparece na ideia do “Oswald viajante” e no par “devoração e mobilidade”. As contradições da vida e da personalidade, no caso de Oswald de Andrade, estariam mantidas em suspenso enquanto em Mário elas teriam alcançado uma síntese estética:

[...] há divisão e divisão. Mário de Andrade disse num verso conhecido: “eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta, [...] mas um dia afinal eu toparei comigo”, e procurou cumprir esse programa. De fato, o seu esforço foi sempre buscar unidade na vida e na obra, podendo-se dizer que tentou arduamente a coerência sem desconhecer as incoerências, como convinha a homem tão lúcido e reflexivo. Oswald, ao contrário, era espontâneo e intuitivo, mentalmente brilhante, mas pouco ordenado. Por isso, nunca procurou domar racionalmente o jogo das contradições. Viveu com elas e elas formaram os dois blocos opostos a que aludi e que indicam certa incoerência, que, aliás, parecia não perturbá-lo. Com sua enorme força de vida, ele sempre arrastou tumultuosamente as contradições não solucionadas. (CANDIDO, 2004a, p. 40).

A avaliação da experiência intelectual de Mário de Andrade, a qual leva igualmente em consideração a relação entre vida e obra, rebate na leitura de Oswald de Andrade como um escritor que, apesar de algumas ressalvas feitas pelo próprio Candido, não se realizou na plenitude de suas potencialidades, como é possível aferir pelo seguinte comentário escrito por ocasião da morte de Mário de Andrade: “Os homens que se constroem amadurecem lenta, mas seguramente. O que foi obtido no plano da arte e no plano da existência com rigor persistente brilha depois com fulgor também intenso e duradouro” (CANDIDO, 2004e, p. 95).

Oswald é caracterizado como “mais ousado, mais viajado, mais aberto” (CANDIDO, 2011, p. 43) que Mário, e sua obra seria, na acepção de Candido, ela também uma expressão do cosmopolitismo característica da elite do café da década de 1920. Antonio Candido confere importância significativa para o papel da viagem na obra de Oswald, na medida em que o par *Serafim/Miramar* se ocupa do conflito do novo com o velho mundo, mas também chama a atenção para a viagem como meio de conhecer o próprio país. Também a estética, nessa chave, torna-se uma “estética transitiva do viajante” que devora as influências de todos os lugares para onde vai, porém, com menos disciplina, por assim dizer. Mais uma vez, é Mário quem leva a vantagem. Nas palavras de Candido,

E toda a vocação dionisíaca de Oswald de Andrade, Raul Bopp, Mário de Andrade; este haveria, aliás, de elaborar as várias tendências do movimento numa síntese superior. A poesia *Pau brasil* e a *Antropofagia*, animadas pelo primeiro, exprimem a atitude de *devoração* em face dos valores europeus, e a manifestação de um lirismo telúrico, ao mesmo tempo crítico, mergulhado no inconsciente individual e coletivo, de que *Macunaíma* seria a mais alta expressão. (CANDIDO, 2008a, p. 130).

Dessa forma, apesar de tanto a produção de Oswald, quanto a de Mário serem compreendidas como variações em torno do primitivismo e do choque de dois mundos culturais, do embate entre o mundo primitivo e a civilização<sup>5</sup>, a obra de ficção de Oswald, principalmente *Serafim Ponte Grande*, é remetida por Antonio Candido a *Macunaíma*, uma espécie de *Macunaíma urbano*, “pelo seu caráter de temas e tíques nacionais” (CANDIDO, 2004f, p. 21). *Serafim* é entendido, nessa chave, como “primitivo na era técnica, que se dissolve no mito” (CANDIDO, 2011, p. 61). A obra de Mário parece servir quase sempre como uma espécie de régua para medir as realizações da de Oswald.

A avaliação de Candido aponta, em geral, para essa caracterização de Oswald de Andrade como uma força pulsante do modernismo que, apesar de tudo, não resultou numa obra no sentido de um conjunto relativamente homogêneo da produção artística. Essa tensão entre Candido e Oswald de Andrade resulta também de uma espécie de disputa, no interior do campo intelectual, pela prerrogativa da crítica. Como se sabe, Oswald de Andrade e Antonio Candido prestaram o mesmo concurso de livre-docência na Universidade de São Paulo, do qual ambos saíram livres-docentes. O grupo Clima (cf. PONTES, 1998) disputou com os modernistas a tarefa da crítica e lançou as bases de sua institucionalização. Candido retoma igualmente a relação ambígua, de tensão e admiração, do poeta com o grupo Clima, no qual o domínio era de Mário. O comentário, presente em “Digressão...”, sobre o amálgama de agressividade e carinho que permeava essas relações sugere – outro traço distintivo de sua análise afetiva de Oswald – a voltagem derivada do choque entre o modernismo e a crítica em vias de institucionalização.

## **MODERNISMO, MODERNIZAÇÃO, DEMOCRACIA**

A fisionomia da crítica de Antonio Candido a Oswald de Andrade é marcada por uma mescla entre o juízo crítico e o depoimento pessoal em diversos níveis. Conforme destaca Vera Chalmers,

Deste modo, o conhecimento da intimidade de uma amizade literária oferece os elementos para a análise dos aspectos constitutivos da obra, superando o anedotário formador do mito oswaldiano, pela integração do episódico numa caracterização abrangente, que procura dar nome ao processo de apreensão da realidade pelo romancista, formulando a síntese explicativa “devoração e mobilidade”, que serve para compreender não apenas o conceito oswaldiano de “antropofagia”, mas uma forma de experiência de vida. (CHALMERS, 1992, p. 219).

---

5 Vale salientar, no entanto, que o conjunto da obra de Mário, especialmente *Macunaíma*, é lido na chave do problema da formação e da construção nacional que Candido enxergava no modernismo. Se mobilizarmos, porém, a interpretação de Gilda de Mello e Souza, que segue as pistas de Mário quando este sugere que *Macunaíma* não serve como síntese do modernismo na direção da constituição de uma espécie de síntese da cultura nacional, isto é, *Macunaíma* não é nem brasileiro e se aproximaria mais de uma alegoria do homem moderno, a comparação muda de figura. Deparamos assim, com a leitura de um Mário de Andrade tão cosmopolita e contraditório quanto Oswald (cf. MELLO E SOUZA, 2003; LOPEZ, 1978; ANDRADE, 1978).

À ocasião da publicação de “Estouro e libertação”, Antonio Candido ressaltava que Oswald de Andrade era um problema para a crítica literária e, como tal, ele permeou a obra de Candido até o final de sua vida, pois este último constrói ao longo de sua trajetória uma série de tentativas de acertar contas com a obra do modernista. Mas, se deixarmos um pouco de lado os textos que tratam especificamente de Oswald, encontramos na obra de Candido uma outra leitura do modernismo, a partir de sua vocação democratizante. No âmbito dessa interpretação, a leitura de Candido muda um pouco seu foco.

Mobilizando a tensa dialética entre “localismo e cosmopolitismo” (cf. CANDIDO, 2008a; ARANTES, 1992; SCHWARZ, 2009) para analisar a dinâmica da vida intelectual na periferia do capitalismo, Antonio Candido define o modernismo a partir de sua emancipação completa em relação a Portugal e à literatura portuguesa. Mais ainda, defende que no âmbito do impulso que alimenta o movimento estaria um deslocamento mais geral, que inverteria os sinais da nossa realidade colonial pensada apenas na chave negativa da falta e da ausência em relação ao centro. A partir daí, “nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades” (CANDIDO, 2008a, p. 127). Trata-se do conhecido “desrecalque localista” promovido pelo modernismo.

O movimento envolve a incorporação do negro, do mulato e do primitivismo na literatura e nos ensaios de interpretação do país e encontra, segundo Candido, em *Macunaíma* sua realização mais central e característica. Essa incorporação está ligada a uma espécie de “redenção das componentes recalçadas da nacionalidade” (CANDIDO, 2008a, p. 128). Candido associa o modernismo às agitações sociais, às diversas greves operárias no segundo decênio do século XX e à fundação do Partido Comunista em 1922, e destaca o surgimento de uma “solidariedade cultural”, compreendida no âmbito de uma tomada de consciência do advento das camadas populares: “Não se ignora o papel que a arte primitiva, o folclore, a etnografia tiveram na definição das estéticas modernas, muito atentas aos elementos arcaicos e populares comprimidos pelo academicismo” (CANDIDO, 2008a, p. 129). No eixo desse modernismo alargado, essa nova aliança é ampla:

Por isso, embora os escritores de 1922 não manifestassem a princípio nenhum caráter revolucionário, no sentido político, e não pusessem em dúvida os fundamentos da ordem vigente, a sua atitude, analisada em profundidade, representa um esforço para retirar à literatura o caráter de classe, transformando-a em bem comum a todos. [...] O admirável TUPI OR NOT TUPI, do *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade – mestre incomparável das fórmulas lapidares –, resume todo esse processo, de decidida incorporação da riqueza profunda do povo, da herança total do país, na estilização erudita da literatura. Sob este ponto de vista, as intuições da Antropofagia, a ele devidas, representam o momento mais denso da dialética modernista, em contraposição ao superficial “dinamismo cósmico” de Graça Aranha. (CANDIDO, 2008b, p. 172).

A partir da perspectiva de Candido, ligada a uma militância socialista que se

opõe à política do Partido Comunista e visa construir-se pela via popular (cf. LAFER, 1992; KONDER, 1992; AGUIAR, 1999)<sup>6</sup>, o modernismo constitui um avanço em relação ao período anterior, justamente devido ao seu caráter inclusivo. Veremos a seguir como Schwarz identifica justamente nessa intenção generalizante um movimento ideológico do modernismo.

A leitura do modernismo urdida por Candido, bem como sua atuação na formação de um campo de estudos no Brasil, o aproximaria dos estudos culturais britânicos. É possível notar em Candido, conforme o argumento de Maria Eliza Cevasco (2003), um precursor dos estudos culturais de vertente materialista no Brasil. Sua atitude antistalinista e pró-proletariado bem como seu projeto de crítica da sociedade a partir da cultura seriam, nessa chave, análogos à atuação de Raymond Williams e de E. P. Thompson na Grã-Bretanha. No entanto, mais importante do que isso, seria salientar a mobilização da noção de “estrutura de sentimento” para avaliar o modernismo no Brasil. É nesse sentido, como colaboração de uma geração (cf. NICODEMO, 2018), que o modernismo é avaliado por Candido como uma espécie de sismógrafo capaz de adiantar e de configurar um devir histórico de um projeto popular delineado a partir da conjunção daqueles que “não têm lugar”. A associação com Williams pode ser lida também no âmbito da forma. Candido busca captar nas obras de Oswald de Andrade, porém sem se deter numa análise imanente delas, essa tentativa de construção nacional.

## A LEITURA DE SCHWARZ

Em “A carroça, o bonde e o poeta modernista”, único texto que Schwarz dedicou a Oswald de Andrade, o modernista está em boa companhia; é colocado ao lado de Lenin e de Brecht. O horizonte comum aos três diz respeito, segundo o crítico, à crise da sociedade burguesa e às possibilidades de rompimento com a tradição e de ampliação radical da democracia trazidas por ela. Para Lenin, o Estado pós-revolucionário deveria ser racionalmente organizado a tal ponto que uma cozinheira poderia administrá-lo; para Brecht, a arte deveria consistir num pensamento sem requinte e mobilizar “protótipos artísticos” para serem imitados e também variados; Oswald,

---

6 A ideia deste artigo é mais relacionar as diretrizes políticas mais amplas a partir das quais é possível contrastar Candido e Schwarz do que fazer conexões com o contexto social e político imediato. Por isso, não se trata de atribuir especificidade à militância socialista de Antonio Candido, que, aliás, sempre foi mediada, e o próprio crítico escreveu e falou pouco sobre suas filiações políticas e partidárias, bem como sobre suas preferências teóricas (cf. SOARES, 2011, p. 186). A crítica à URSS, absorvida por meio da leitura de Trotsky e de Victor Serge, bem como pelo antistalinismo do amigo Paulo Emílio Salles Gomes e que se concretizou com a sua participação na “Esquerda democrática” na década de 1940, se expressa em sua obra numa defesa de âmbito mais geral de um socialismo revolucionário, indisposto a abrir mão da democracia (cf. LÖWY, 2018). A valorização da aliança entre as classes no modernismo está ligada a essa posição política. Trata-se ainda da defesa de uma aliança entre grupos “desprovidos de lugar” (isto é, que não se apresentam segundo uma classe social definida segundo o modelo das teorias marxistas europeias), os negros, os indígenas, o caipira etc., para comporem uma classe com força de transformação (cf. JACKSON, 2002).

por sua vez, apresenta sua *poesia pau brasil* sob um conjunto de fórmulas fáceis, que atestam o impulso democrático do modernismo.

O mundo que gestara o comunismo, o teatro didático e o modernismo, no entanto, era passado quando Schwarz escreveu seu ensaio, em 1983. E, se de fato as obras literárias e as ideias políticas não passam apenas porque passa o seu tempo, é legítimo levantar a questão a respeito das razões que tinha o crítico de retornar à idílica *poesia pau brasil*. Ainda mais considerando que esse ensaio está presente num livro que carrega o título *Que horas são?* e que busca justamente acertar os ponteiros com o presente histórico<sup>7</sup>.

Tratava-se de retomar a obra de Oswald de Andrade com vistas à situação de então, na qual os “objetivos libertários que animavam as vanguardas política e artística [...] acabaram funcionando como elementos dinâmicos de uma tendência outra, e hoje podem ser entendidos como ideologia” (SCHWARZ, 1987a, p. 12). Schwarz ressalta o triunfo em larga escala do modernismo na mídia e sua integração ao discurso da modernização conservadora: em parte à revelia, diz o crítico, em parte por *disposições internas*.

Ora, mas no que consiste, em primeiro lugar, esse triunfo do modernismo na mídia? Schwarz não discrimina de maneira explícita, mas mira no tropicalismo e na poesia concreta<sup>8</sup>. Se são esses os modernismos em voga, por que não ir direto ao ponto? Vale lembrar, no entanto, que a absorção do modernismo pelo discurso da modernização conservadora dependia de disposições internas. Seria preciso ir até a raiz da questão.

O ensaio passa a investigar, então, quais são essas disposições internas à obra de Oswald de Andrade, suas ambiguidades e suas inconsistências. Schwarz é claro neste ponto: a característica principal da poesia pau brasil corresponde à justaposição entre os elementos do Brasil-colônia e do Brasil-burguês, isto é, “a elevação do produto – desconjuntado *por definição* – à dignidade de alegoria do país” (Schwarz, 1987a, p. 12)<sup>9</sup>. Esse procedimento resultaria num “ufanismo crítico”, obtido a partir da junção sugerida por Schwarz entre a matéria local e a forma emprestada das vanguardas europeias.

Numa nota de rodapé, Schwarz contrapõe-se à interpretação de Antonio Candido: “Empenhada em firmar a seriedade do poeta, por oposição à fama do piadista, a

---

7 “A carroça, o bonde e o poeta modernista” foi um texto apresentado nas comemorações do centenário de Karl Marx a um público estrangeiro. Oswald de Andrade, no entanto, era e permanece um autor pouco conhecido fora do Brasil. Uma hipótese – na linha do argumento levantado acima – para a escolha de tomar a obra de Oswald de Andrade como objeto para apresentar num seminário sobre Marx pode ser a intenção velada de combater uma visão tropicalista do Brasil, considerando que esse movimento foi imediatamente transformado em artigo de exportação durante o período da ditadura militar.

8 Esse ensaio pode ser lido em conjunto com “Marco histórico”, presente no mesmo livro, sobre o poema “Póstudo” de Augusto de Campos, no qual é observada a transformação da arte em ideologia do consumo e em elemento pop da cultura pós-moderna.

9 A justaposição de contrários e sua edificação à alegoria do país está presente na caracterização que Schwarz ensaia em “Cultura e Política” sobre o tropicalismo e que ele desenvolve posteriormente em “*Verdade Tropical: percurso de nosso tempo*”. Parece que o crítico busca na raiz do modernismo aquilo que via como problemático no tropicalismo. Julga, assim (sem dispensar o brilhantismo que lhe é característico) a obra de Oswald pelo uso que os tropicalistas fazem dela. Não fosse a mobilização da crítica imanente, utilizada de maneira muito astuta no ensaio, poderíamos questionar sua escolha, afinal, se fôssemos, por exemplo, julgar a obra de Marx pelos usos que fizeram os marxistas...

crítica sublinhou a identidade entre as soluções oswaldianas e as inovações hoje clássicas das vanguardas internacionais” (SCHWARZ, 1987a, p. 14). Um dos traços da leitura de Candido consiste em pensar o papel do modernismo na democratização da cultura. Contudo, não deixa de ser curioso que, para Candido, a qualidade mas também os defeitos de Oswald estejam aliados justamente à sua experimentação formal, e que, para Schwarz, o problema consista não numa experimentação mais errática e inconsistente – como defende Candido – mas na presença excessiva desse esforço de formação. Se não é possível servir a deus e ao diabo ao mesmo tempo, no caso de Oswald de Andrade parece que este não agrada a nenhum dos dois lados. A experimentação formal sem projeto estético desagrade o crítico da formação, e a preocupação com a formação nacional desagrade o teórico crítico.

Schwarz propõe uma alternativa diferente da de Candido: “o trabalho formal realizado pela poesia pau brasil se pode analisar também noutra perspectiva, em função da matéria que trata de organizar, a qual obriga a repensá-lo a uma luz historicamente mais especificada” (SCHWARZ, 1987a, p. 14), o que não diminuiria a estatura de Oswald, mas o tornaria diferente. Para isso, Schwarz (1986a, p. 14) seleciona o poema “Pobre alimária”:

O cavalo e a carroça  
Estavam atravancados no trilho  
E como o motorneiro se impacientasse  
Porque levava os advogados para os escritórios  
Desatravancaram o veículo  
E o animal disparou  
Mas o lesto carroceiro  
Trepou na boleia  
E castigou o fugitivo atrelado  
Com um grandioso chicote.

Temos, assim

De um lado, o bonde, os advogados, o motorneiro e os trilhos; do outro, o cavalo, a carroça e o carroceiro: são mundos, tempos e classes sociais contrastantes, postos em oposição. A vitória do bonde é inevitável, mas[,] como a diferença de tamanho entre os antagonistas não é grande, e a familiaridade das suas presenças é igual, o enfrentamento guarda um certo equilíbrio engraçado. Espero não forçar a nota imaginando que, no espaço exíguo do cromó da província, algo do empacamento de uma parte se transmite também à outra. (SCHWARZ, 1987a, p. 15).

O material do poema, organizado dessa maneira, revelaria, então, uma questão de classe: o incômodo com o atraso, não porque ele é ruim, mas porque afeta seu oposto, o progresso, impedindo os advogados de cumprirem com os seus compromissos e

o trânsito de se racionalizar<sup>10</sup>. Sendo assim, o Brasil da convivência dos contrários da poesia pau brasil estaria ancorado, na realidade, numa posição de classe muito específica. Do poema, Schwarz deriva a identificação do trabalhador (motorneiro) com os de cima, a postura importante do eu lírico que não se dá nem ao trabalho de especificar quem ajudou a desatrapalhar o veículo (provavelmente, diz Schwarz, os populares), bem como o sistema hierárquico do sistema colonial: os advogados que exercem sua violência sobre o motorneiro, que por sua vez desconta no carroceiro, que, por fim, desconta no cavalo – um mundo que, no final das contas, se resolve na base do chicote. A cena seria trágica, se não fosse cômica:

[...] a modernidade atua integrada ao esquema da autoridade tradicional, que se compraz, por sua vez, em adotar a fachada dos novos funcionamentos pessoais. Esses servem como elemento de distinção e destaque, mais que como regra, o que contribui para a coloração antiquada do bloco adiantado [...]. Os avançados não abrem mão do atraso, e os atrasados, longe de serem retrógrados convictos, gostam também de um “solzinho progressista”: um quadro cujas noções dominantes funciona de maneira inesperada, à qual voltaremos e que faz rir. (SCHWARZ, 1987a, p. 17).

O procedimento ao qual recorre Oswald de Andrade é de vanguarda, mas seu resultado não é exatamente o esperado. Os poemas de Oswald têm feição rudimentar e primitivista, afirma Schwarz, uma espécie de “poesia dos fatos nus”. Esse tipo de recurso vanguardista permite descontextualizar os objetos, deslocando-os de seu sentido original. Ao justapô-los, no entanto, em termos opostos, entre o arcaísmo e o progresso (carroça *versus* bonde; carroceiro *versus* advogados), defende Schwarz, Oswald os põe novamente em contexto. Isso significa que a relativização alegre entre os opostos no poema é apenas de superfície. Pois “o mundo sem data e rubrica, proposto no Manifesto Antropófago, é datado e rubricado” (SCHWARZ, 1987a, p. 19).

A sociedade é percebida no seu movimento contraditório, sugere Schwarz, a tal ponto que o poema de Oswald pode ser compreendido como um romance em

---

10 Em “Nacional por subtração” Schwarz explora esse mesmo problema por outro viés. Ao comentar a crítica de Sílvio Romero a Machado de Assis, Schwarz (1987c, p. 41) repara que o problema da arte no Brasil, para o crítico, não se resumia ao problema da cópia, mas ao fato de que apenas uma classe social copiava. O problema do atraso seria, nessa chave, o fato de que este atrasa também as classes superiores. Ou, em “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da Malandragem’”: “Contrariamente ao que sustentam os nacionalistas, a reflexão dialética depende da análise formal, cujo referente não é o país do coração, mas o país verdadeiro (o das classes sociais)” (SCHWARZ, 1987d, p. 136).

miniatura. “Pobre alimária” é uma história<sup>11</sup>. No final das contas, entretanto, o riso final implicado no poema, seu efeito relativizante, daria ensejo às afinidades eletivas que o modernismo de Oswald tem com a modernização conservadora; sua graça reconcilia.

Nesse ponto Schwarz e Candido divergem. O primeiro, mais receptivo à intenção democrática do modernismo, ou seja, à aliança entre os “grupos sem lugar” que ele busca promover, a despeito de suas contradições, é em certo sentido mais generoso com a obra de Oswald de Andrade. Se é bem verdade que ele escreve em outra época, sua leitura afina com seu projeto de crítica literária ligada à apreciação do modernismo a partir de uma “estrutura de sentimento” de um socialismo de cunho popular. Antonio Candido, seja na sociologia com o seu trabalho sobre o caipira, por exemplo, seja na crítica literária, absorve do modernismo uma certa inclusão do pobre, do indígena, do negro, da fala “do povo”.

Schwarz, mais próximo de um marxismo oriundo da teoria crítica, observa com olhos desconfiados a atitude modernista. Ele comenta o poema de Oswald: “Dê-me um cigarro/ Diz a gramática/ Do professor e do aluno/ E do mulato sabido/ Mas o bom negro e o bom branco/ Da nação brasileira/ Dizem todos os dias/ Deixa disso camarada/ Me dá um cigarro”. Condescendência de Oswald, defende Schwarz, bem como de Mário em outros momentos. Essa distância, de acordo com Schwarz (1987a, p. 21), “que permite passar *por alto* os antagonismos e envolver as partes contrárias numa mesma simpatia, naturalmente é um ponto de vista por sua vez”. Um ponto de vista de classe, certamente. Schwarz sugere a presença de uma homologia entre a estética de Oswald e a experiência de classe da elite cafeeira e de seu desejo de internacionalização. Basta lembrar que um dos motes da *poesia pau brasil*, que reforça a tese de Schwarz, é a de “poesia de exportação”. Vale notar ainda que Schwarz (1987a, p. 23) ressalta que “um poeta não melhora nem piora por dar forma literária à experiência de uma oligarquia”.

Não há, diferentemente dos nortistas – ressalta Schwarz –, nenhum tipo de saudosismo do período colonial na poesia de Oswald. Sua atitude, reveladora da posição de classe, está ligada a uma posição cosmopolita e internacionalizante da elite

---

11 Schwarz oscila durante o ensaio em chamar a poesia pau brasil de alegoria e de símbolo do Brasil sem maiores consequências. Se fôssemos retomar as diferenças que essas noções apresentam para Walter Benjamin, por exemplo, poderíamos sugerir uma ou outra leitura. Para Benjamin, a alegoria é um meio de expressão de característica enigmática. Para cada ideia, ela pode representar uma grande erupção de imagens e, por esta razão, seu sentido permanece sempre aberto. “Cada personagem, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra coisa. [...] Do ponto de vista externo e estilístico – no caráter exuberante da composição tipográfica e excessivo da metáfora – a escrita tende para a imagem. Não é possível conceber contraste maior com o símbolo artístico, o símbolo plástico, a imagem da totalidade orgânica, do que essa fragmentação amorfa que é a escrita visual do alegórico. [...] No campo da intuição alegórica a imagem é fragmento, runa” (BENJAMIN, 2004, p. 188-191). Se, por um lado, a noção de alegoria benjaminiana diz respeito ao drama barroco alemão, as noções de “fragmento” e “trapo” a ela ligadas permanecem em diversos momentos de sua obra – na análise de Proust, Kafka, do dadaísmo e do surrealismo – e fornecem pistas de interpretação da arte modernista. Sendo assim, poderíamos sustentar que a interpretação do poema como uma narrativa (cf. BENJAMIN, 2004), que deixa a moral da história aberta a várias interpretações, favorece a leitura do último como alegoria – o que é reforçado pelo fato de que, assim como a narrativa para Benjamin, o poema mobiliza o registro oral da língua.

cafeieira (ligada também à “financeirização” das classes altas brasileiras – vira e mexe vislumbrada nas menções à bolsa de valores na poesia de Oswald). Sua poesia aponta para a superação da situação colonial e subalterna, baseada na crença num “*progresso inocente*” (SCHWARZ, 1987a, p. 24). Seria Oswald uma espécie de poeta pós-colonial satisfeito em eleger a especificidade brasileira como via alternativa de modernização?

Se o atraso pode ser atraente para quem não sofre dele (cf. SCHWARZ, 1987b, p. 128), não se trata apenas de relativizar a pobreza, o analfabetismo, a violência colonial. Ao sugerir que a poesia de Oswald configura uma experiência de classe, a interpretação de Schwarz dá ensejo para pensar o projeto de país sustentado por uma burguesia que ainda possuía aspirações de autonomia econômica e cultural diante do resto do mundo. A alta do café, aos olhos dos modernistas, parecia colocar o país na ordem do dia, e era preciso um projeto cultural que estivesse à altura. A diferença é que esse projeto se assentava, como nota Schwarz, em novas alianças de classe presentes na literatura modernista em várias configurações. A diferença para o pós-1964 residiria, no entanto, no fim das ilusões do “pacto nacional”, solapada de vez por uma burguesia que preferia manter a condição subalterna diante do capitalismo internacional, em nome da manutenção de seu domínio em âmbito nacional<sup>12</sup>. Sendo assim, a retomada da poesia de Oswald de Andrade pelo tropicalismo só poderia ser ideológica num momento de esgarçamento completo do projeto nacional que ainda sustentava esse modernismo.

A disposição interna que permitia que a poesia de Oswald de Andrade afinasse com o discurso da modernização conservadora já era, por assim dizer, problemática, de acordo com a interpretação de Schwarz (1987a, p. 22), pois reunia, numa ideia alegre e provocativa, que “tudo isso é meu país”, embora o Brasil nunca tenha deixado de ser uma sociedade fundada na dominação de classe. Essa poesia, no entanto, tinha, por assim dizer, lastro na realidade e encontrava nesse lastro um momento de verdade: ela revelava uma burguesia cosmopolita que queria tirar o país da menoridade econômica e cultural, valorizando as formas autóctones<sup>13</sup>.

---

12 Esse tema seria retomado em “Cultura e política”, ensaio, aliás, próximo, não apenas temporalmente, mas tematicamente de “O bonde, a carroça e o poeta modernista”. Em ambos, Schwarz tira as consequências culturais e políticas da teoria da dependência (cf. ARANTES, 1992).

13 Uma crítica semelhante é feita a Brecht. Em “Altos e baixos da atualidade de Brecht”, Schwarz busca demonstrar como uma modalidade de crítica da ideologia, contida nos procedimentos mobilizados pelo teatro de Brecht, torna-se ideológica após a derrocada do socialismo e da vitória neoliberal mundo afora. A forma muda de função de acordo com o contexto em ambos os autores tratados: “Com os meios da literatura mais radicalmente anti-ilusionista, ou antiaurática, para falar com Walter Benjamin, Oswald buscou fabricar e ‘auratizar’ o mito do país não oficial, que nem por isso era menos proprietário. Hoje todos sabemos que as técnicas da desidentificação brechtiana são usadas na televisão para promover a nossa identificação com marcas de sapólio” (SCHWARZ, 1987a, p. 25-26). Ou seja, o tratamento dialético dos procedimentos estéticos impele ao tratamento dos últimos sempre com vistas ao contexto histórico ao qual estão relacionados. A mobilização dos procedimentos estéticos de justaposição dos contrários da poesia pau brasil e da antropofagia pelo tropicalismo transforma a função desses procedimentos, que, ao invés de se relacionarem de maneira crítica com seu contexto (ainda que seja um ufanismo crítico), servem para reforçar as contradições presentes no contexto da ditadura militar e, posteriormente, do neoliberalismo: “O mundo cheio de diferenças e sem antagonismos toma a feição de um grande mercado” (SCHWARZ, 2012, p. 99).

A poesia de sinal invertido tenta suprimir uma falta e inverter a unilateralidade das relações coloniais. A questão de fundo trata da possibilidade de se pensar uma modernidade alternativa. Algo muito em voga atualmente com o discurso pós- e descolonial. A teoria crítica de Schwarz, no entanto, é mais radical:

A mística terceiro-mundista encobre o conflito de classes e traz uma visão ingênua, ainda que violenta, dos antagonismos e sobretudo das interdependências internacionais. A estética que ela inspira existe, e é herdeira dos aspectos retrógrados do nacionalismo. [...] Assim, se[,] mesmo em países cuja realidade é bem mais aceitável, o trabalho artístico deve a sua força à *negatividade*, não vejo por que logo nós iríamos dar sinal positivo, de identidade nacional, a relações de opressão, exploração e confinamento. Estas são a realidade do terceiro mundo, mas não constituem superioridade. (SCHWARZ, 1987b, p. 128).

Nesse sentido, não se trata de pensar uma modernidade alternativa, cuja especificidade é relativizada ou positivada, mas de contestar a existência de um sistema gerador da oposição centro/periferia – uma oposição real, que não se resolve apenas no plano das ideias, como quer muitas vezes o discurso pós-colonial (cf. COCCO, 2010; ROCHA, 2011).

A ausência de uma “crítica negativa” em relação ao modernismo, contudo, teria consequências problemáticas, para dizer o mínimo, no novo contexto:

A voga dos manifestos oswaldianos a partir da década de 60, e sobretudo nos anos 70, ocorre em contexto muito diverso do primitivo. O pano de fundo agora é dado pela ditadura militar, ávida de progresso técnico, aliada ao grande capital, nacional e internacional, e menos repressiva que o esperado em matéria de costumes. [...] Nas novas circunstâncias, o otimismo técnico tem pernas curtas, ao passo que a irreverência cultural e o deboche próprios à devoração oswaldiana adquirem conotação exasperada, próxima da ação direta, sem prejuízo do resultado artístico muitas vezes bom. [...] O que era liberdade em face do catolicismo, da burguesia e do deslumbramento diante da Europa é hoje, nos anos 80, um alibi desajeitado e rombudo para lidar acriticamente com as ambiguidades da cultura de massa, que pedem lucidez. (SCHWARZ, 1987c, p. 38).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antonio Candido e Roberto Schwarz são expressões de uma crítica literária voltada para a compreensão da experiência brasileira, do mesmo modo que havia sido o modernismo, mas com uma variação importante no ângulo de abordagem.

A crítica literária de Antonio Candido se assentava numa noção abrangente de modernismo, “tomado o conceito no sentido amplo de movimento das ideias, e não apenas das letras” e compreendido como “a tendência mais autêntica da arte e do pensamento brasileiro”. Nele

[...] fundiram-se a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. [...] Em consequência, manifestou-se uma “ida ao povo”, [...] onde foi o coroamento natural da pesquisa localista, da redefinição cultural desencadeada em 1922. (CANDIDO, 2008a, p. 132)<sup>14</sup>.

Esse projeto de modernismo, no qual o próprio crítico se inseria e que perdeu parte de seu fôlego com o Estado Novo, como o próprio Candido ressalta nesse texto, perderia o pé de vez com o golpe de 1964, que deixava para trás todas as afinidades entre o modernismo, a modernização e a reforma social do país. Assim, mudam na trajetória de Roberto Schwarz dois elementos presentes na trajetória de Candido: a crítica literária assentada numa noção ampliada de modernismo, e a avaliação da obra de Oswald de Andrade, integrada, no novo contexto, ao discurso conservador da modernização. Não poderia ser diferente, uma vez que nisso Schwarz segue Candido, ancorando sua análise na relação que uma obra literária estabelece com o seu contexto – de onde deriva sua relevância estético-literária.

Quase três décadas depois da escrita do ensaio sobre Oswald, Schwarz (2012, p. 102) retomaria a crítica ao par modernismo/tropicalismo, insistindo no fato de que, “com sentidos diferentes, sempre com força e inserção histórica, digamos que tanto a antropofagia quanto o tropicalismo foram programas estéticos do Terceiro Mundo”. Assim,

O paralelo entre o tropicalismo e a poesia antropófaga de Oswald de Andrade, quarenta anos mais velha, é evidente. Esta última canibalizava soluções poéticas do vanguardismo europeu e as combinava a realidades sociais da ex-colônia, cuja data e espírito eram de ordem muito diversa. O resultado, incrivelmente original, era como que uma piada euforizante, que deixava entrever uma saída utópica para o nosso atraso meio delicioso, meio incurável. Nessa hipótese do antropófago risonho, o Brasil saberia casar o seu fundo primitivo à técnica moderna, de modo a saltar por cima do presente burguês, queimando uma etapa triste da história da humanidade. (SCHWARZ, 2012, p. 101-102).

Se a crítica literária de Candido bem como a de Schwarz estão assentadas numa relação dialética entre literatura e sociedade, suas leituras sobre o modernismo de Oswald de Andrade não revelam apenas a interpretação de obras literárias específicas, mas igualmente considerações sobre a realidade política brasileira, bem como opções teóricas diversas no âmbito da própria crítica literária. A apreciação do modernismo por Candido permite vislumbrar sua opção por um socialismo popular democrático, enquanto a crítica de Schwarz a Oswald e ao tropicalismo chama a atenção para o caráter estruturante da luta de classes, que, no final, deve se

---

14 Conforme afirmou Schwarz numa entrevista recente, esse era um diagnóstico partilhado do pré-1964, período no qual “esta aspiração convergia com o espírito meia-oito internacional, com tendências profundas do Modernismo brasileiro, que a seu modo havia visado a algo parecido na década de 1920, além de responder à realidade social do país, à qual dava visibilidade, com resultado artístico muito bom. Sem prejuízo da derrota política, o movimento cultural do período, com as suas ousadias formais e temáticas, tornava presente o valor da radicalidade estética e extraestética” (SCHWARZ, 2018-2019, p. 199).

resolver com um só vencedor. Schwarz buscaria, assim, demonstrar como a ideia de construção da nação, tão cara a seu mestre, poderia escamotear fraturas e cisões em seu guarda-chuva, sob o qual todos pareciam caber.

Embora Schwarz (2009) compare Antonio Candido a Adorno<sup>15</sup>, a leitura dos ensaios sobre Oswald de Andrade revela as fraturas de um modelo de crítica literária (não o único mobilizado por Candido, mas um modelo) ligada à relação entre vida e obra e à mobilização de uma “estrutura de sentimento” democrático-popular para pensar a literatura. Nesse contexto, Candido tende a pensar a mudança social a partir da cultura, algo muito mais próximo de um Raymond Williams do que da teoria crítica de Adorno – tanto no âmbito do tipo de modelo crítico, quanto no espectro político. Ademais, a necessidade, vocalizada por Schwarz, de uma “crítica negativa” necessária tanto na periferia do capitalismo como no centro o distancia desse projeto da “Formação” levado a cabo por seu mestre.

A despeito dessas diferenças, na realidade brasileira atual, na qual a história dá mais um giro, as duas críticas podem convergir: na periferia do capitalismo, onde o chicote tem a última palavra, qualquer traço democratizante já é revolução.

## SOBRE A AUTORA

**BRUNA DELLA TORRE** é pós-doutoranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DTLLC/FFLCH/USP), com apoio da Capes, editora-executiva da revista *Crítica Marxista* e autora de *Vanguarda do atraso ou atraso da vanguarda? Oswald de Andrade e os teimosos destinos do Brasil* (Alameda, 2012).

E-mail: bruna.della.lima@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-4472-8848>

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003, p. 15-46. (Coleção Espírito Crítico).

\_\_\_\_\_. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

---

<sup>15</sup> Raul Antelo (2009) segue essa comparação e ressalta o parentesco entre a crítica negativa de Adorno e de Candido. Do outro lado, Cevalco (2003) aproxima Candido e Schwarz como praticantes *avant la lettre* dos estudos culturais materialistas no Brasil. No entanto, ao menos no que se refere à leitura do modernismo de Oswald de Andrade, há fraturas importantes entre os autores, conforme busquei mostrar.

- AGUIAR, Flávio (Org.) *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- ANDRADE, Mário. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Simões, 1978.
- ANDRADE, Oswald. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1992.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- \_\_\_\_\_. *A origem do drama trágico alemão*. Lisboa: Assirio e Alvim, 2004.
- CANDIDO, Antonio. (1992). Os dois Oswalds. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004a, p. 35-42.
- \_\_\_\_\_. (1982). Oswald, Oswald, Oswald. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004b, p. 43-46.
- \_\_\_\_\_. (1987). O diário de bordo. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004c, p. 47-49.
- \_\_\_\_\_. (1956). Oswald viajante. In: \_\_\_\_\_. *O observador literário*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004d, p. 91-96.
- \_\_\_\_\_. Lembrança de Mário de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *O observador literário*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004e, p. 94-96.
- \_\_\_\_\_. (1945). Estouro e libertação. In: \_\_\_\_\_. *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004f, p. 11-30.
- \_\_\_\_\_. (1953-1955). Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008a, p. 117-145.
- \_\_\_\_\_. (1954). A literatura na evolução de uma comunidade. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008b, p. 147-176.
- \_\_\_\_\_. (1970). Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 35-63.
- CHALMERS, Vera. O fio da meada: um estudo da crítica de Antonio Candido sobre Oswald de Andrade. In: SCARABÓTOLO, Eloísa Faria; D'INCAO, Maria Angela (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992, p. 218-228.
- CEVASCO, Maria Eliza. *As dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- COCCO, Giuseppe. "Mundobraz": a brasilianização do mundo. Entrevista especial com Giuseppe Cocco. Reportagem de Moisés Sbardelotto e Márcia Junges. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, janeiro de 2010.
- COSTA, Iná Camargo. Dois mestres do contra e a passagem ao terceiro. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (Org.). *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- ERRÁZURIZ CRUZ, Rebeca. Un crítico en formación: los primeros años de la crítica de Antonio Candido. *Revista Chilena de Literatura*, n. 9, 2018, p. 15-42.
- JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- JAMESON, Fredric. *A singular modernity*. Londres/Nova York: Verso, 2002.
- KONDER, Leandro. A sabedoria humilde na firmeza do engajamento. In: SCARABÓTOLO, Eloísa Faria; D'INCAO, Maria Angela (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992, p. 319-324.
- LAFER, Celso. As ideias e a política na trajetória de Antonio Candido. In: SCARABÓTOLO, Eloísa Faria; D'INCAO, Maria Angela (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992, p. 271-296.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona (Coord.). *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. São Paulo/Rio de Janeiro: SCCT/LTC, 1978.
- LÖWY, Michael. *Teresina etc.: o socialismo de Antonio Candido*. In: FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto. *Antonio Candido 100 anos*. São Paulo: Editora 34, 2018.

- MELLO E SOUZA, Gilda. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- NICODEMO, Thiago Lima. Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda: esboço de uma biografia cruzada. *Revista USP*, São Paulo, n. 118, 2018, p. 105-116.
- PONTES, Heloisa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RAMASSOTE, Rodrigo. Inquietudes da crítica literária militante de Antonio Candido. *Tempo Social*, v. 23, n. 2, 2011, p. 41-70.
- ROCHA, João Cezar de Castro e Jorge Ruffinelli (Org.). *Antropofagia, hoje?: Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987a, p. 11-28.
- \_\_\_\_\_. Existe uma estética do Terceiro Mundo?. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987b, p. 127-128.
- \_\_\_\_\_. Nacional por subtração. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987c, p. 29-48.
- \_\_\_\_\_. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987d, 129-156.
- \_\_\_\_\_. Antonio Candido (um verbete). *Revista USP*, n. 17, 1993, p. 176-179.
- \_\_\_\_\_. Altos e baixos da atualidade de Brecht. In: \_\_\_\_\_. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 113-148.
- \_\_\_\_\_. Dialética da formação. In: PUCCI, Bruno et al. (Org.). *Experiência formativa e emancipação*. São Paulo: Nankin, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Verdade tropical: um percurso de nosso tempo*. In: *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 52-110.
- \_\_\_\_\_. Roberto Schwarz. Cultura e política, ontem e hoje. Entrevista concedida a Bruna Della Torre e Mónica González García. *Meridional – Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, Santiago, v. 11, out./2018-mar./2019, p. 189-199.
- SOARES, Lidiane. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e “um seminário” (1958-1978)*. 565f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.